



TRANS 18 (2014)
RESEÑAS / REVIEWS

Estelle Amy de la Bretèque. *Paroles mélodisées: Récits épiques et lamentations chez les Yézidis d'Arménie*. Paris: Classiques Garnier, 2013. 230 pp. ISBN 978-2-8124-0787-1. Contiene mapas, figuras, fotografías y transcripciones musicales.

Reseña de Leonor Losa (Universidade Nova de Lisboa)

O livro *Paroles mélodisées: Récits épiques et lamentations chez les Yézidis d'Arménie* da antropóloga e etnomusicóloga Estelle Amy de la Bretèque constitui um depoimento etnográfico singular sobre o modo como a comunidade yézidi¹ da Arménia se relaciona, exprime e regula emoções tristes. Centrado numa prática expressiva localmente denominada de *kilamê ser*, a autora explora como sua performance constitui um veículo de expressão de sofrimento (seja histórico da comunidade, ou subjectivo dos eventos de vida dos seus indivíduos) fundamental como modo social de regulação emocional, mas igualmente como forma cultural de manutenção do *ethos* e da memória da comunidade.

Kilamê ser (traduzível por “palavras sobre”) é a expressão genérica que designa tanto uma prática expressiva de *lamento* quanto uma modalidade de *canção épica*. Estas *palavras* podem ser *sobre* “o morto” no caso de lamentos fúnebres, sobre “o herói” no caso de canções épicas sobre homens tornados mártires com percursos de vida exemplares ou mortes trágicas, ou sobre “sofrimento”, “nostalgia”, “exílio”, e.o., no caso de narração quotidiana de eventos e emoções

¹ Os recentes acontecimentos de perseguição religiosa de yézidis por grupos jihadistas no Iraque mediatizaram a comunidade yézidi dessa região. A transcrição fonética utilizada pelos meios de comunicação em Portugal foi yazidi. No entanto, aqui opta-se por manter a grafia utilizada pela autora, que se aproxima da fonética do francês: yézidi.

tristes (pp. 64-65). Caracterizados pelo recurso a uma forma de enunciação que se destaca da fala quotidiana —como voz melodizada, fórmulas semânticas e estruturas poéticas particulares—, os *kilamê ser* constituem um modo de narrar a tristeza. A sua transversalidade no quotidiano yézidi e o investimento emocional que suscitam, instigaram a reflexão de Amy de la Bretèque acerca do papel que assumem na vida das pessoas.

Esta publicação apresenta-se extremamente sofisticada no modo como se articula com documentação audiovisual disponível numa página Web dedicada ao livro², o que permite ao leitor tomar contacto com materiais inéditos que, sendo importantes documentos etnográficos, enriquecem significativamente a experiência de leitura.

Os yézidis podem ser caracterizados como um grupo etno-religioso na medida em que, apesar de dispersos pelas regiões do Iraque e Transcaucásia (Arménia e Geórgia), são definidos enquanto grupo cultural por filiação à religião sincrética do yezidismo, mas também pela partilha de valores culturais e de um passado histórico. Nos capítulos I e II, a autora faz uma descrição detalhada dos momentos históricos marcantes da comunidade. Partilhando a língua (*kurmanji*), aspectos culturais, modos de vida e o espaço geográfico com as comunidades Curdas, os yézidis são referidos e auto referidos como curdos ou curdos-yézidis (demarcando uma diferenciação de credo religioso face aos Curdos muçulmanos), embora este posicionamento levante questões de etnicidade dentro do próprio grupo. Contudo, além do credo do yezidismo, regras particulares de comportamento social, em particular o facto de serem uma comunidade endogâmica com diferentes linhagens internas de organização social, torna as comunidades yézidis extremamente fechadas ao exterior. Os yézidis foram alvo de perseguições por parte do Império Otomano desde o início do século XIX até ao final do império, nos anos 20 do século XX, razão pela qual as comunidades que habitavam a Anatólia se dispersaram por diferentes regiões do Cáucaso. Esta história de exílio constitui um tropo fundamental na representação subjectiva e colectiva desta comunidade. Além do exílio histórico, a migração assume actualmente uma realidade social relevante e é enquadrada dentro do mesmo eixo emocional de *separação* e *sacrifício* que subjaz as narrativas da experiência histórica de fuga.

O trabalho de terreno realizado na Arménia, sobretudo num universo feminino quotidiano e em momentos rituais fúnebres, permitiu à autora levantar questões acerca da prática de “melodizar as palavras” para narrar a tristeza. O modo pragmático como o assunto é abordado transporta-nos contidamente para esse universo, sobretudo pela opção de uma abordagem em

² <http://www.ethnomusicologie.fr/parolesmelodisees/>

que o *self* do investigador raras vezes é escutado. Além da descrição etnográfica de eventos onde a presença de *kilamê ser* é central, os vídeos de funerais e de outros contextos disponibilizados no endereço de internet dedicado ao livro permitem ao leitor dar conta da densidade etnográfica em análise.

A abordagem à temática das emoções a partir da análise de lamentos apresenta-se aqui fundamental para a compreensão antropológica dos usos da voz e das intersecções entre música e linguagem, assunto que tem merecido atenção num grande número de áreas das ciências sociais, nomeadamente no pensamento etnomusicológico (Feld e Fox 1994).

De modo semelhante ao que se passa noutro tipo de práticas expressivas de lamento em diversas sociedades e quadrantes geográficos (*ibid.*), a entoação utilizada para dizer os *kilamê ser* situa-se na fronteira entre canto e fala. Como a autora refere, para o ouvido *estrangeiro*, a prática de melodizar o discurso poderá remeter directamente para o domínio da música. Contudo, para a comunidade yézidi, a forma de vocalização utilizada na performance de *kilamê ser* distancia-se daquela que melhor se aproxima ao conceito banalizado de música — *stram*—, ao qual se encontra associada a alegria. A autora, explora esta diferenciação conceptual na segunda parte do livro³, demonstrando como *alegria* e *tristeza* pertencem não apenas a universos emocionais distintos, como lhes são associadas práticas expressivas e manifestações corporais diferenciadas.

A prática de melodizar o discurso ocorre em diferentes situações, cumprindo funções distintas: mediação afectiva quotidiana; lamento ritual; e como modo de memória e afirmação de um *ethos* colectivo.

Quotidianamente, a melodização da fala ocorre em momentos específicos do universo doméstico feminino, quando, ao abordar temáticas tristes, as mulheres (de meia idade e na ausência de crianças) mudam da fala quotidiana para a voz melodizada. Esta transição da entoação da voz acontece quando há uma transformação do carácter afectivo da conversação⁴ e suscita também uma mudança no formato do discurso. Além de assinalar a mudança de conteúdo emocional da conversação, a passagem à fala melodizada é descrita e analisada por Amy de la Bretèque como uma forma de mediação de sentimentos. Ao melodizar a fala, as mulheres criam um espaço de distanciação relativamente a sentimentos tristes e eventos traumáticos, possibilitando também a reactualização do significado do seu sofrimento.

Com a função ritual, este tipo de lamento é performado em contexto fúnebre, e é referido

³ Confirmar capítulo V “Chanter la joie, dire la peine”.

⁴ Confirmar por exemplo, capítulo VII “Procédés énonciatifs pour un univers suspendu”.

como *kilamê ser mirya* (“palavras sobre o morto”)⁵. A utilização de formas discursivas particulares (discurso directo com o morto; discurso indirecto narrando de forma participativa situações de interacção) e de expressões onomatopaicas de sofrimento padronizadas, são características transversais dos *kilamê ser*. Neste contexto ritual, os lamentos são levados a cabo não apenas pelas mulheres enlutadas, mas também por grupos masculinos profissionais acompanhados do *duduk* —um aerofone de palheta dupla, de timbre grave— instrumento que na representação Yézidi “fala”, por oposição ao instrumento que acompanha a música festiva —a *zurna*— que “canta”. A participação activa de mulheres com menor proximidade à pessoa perecida e enunciando lamentos no contexto fúnebre serve, segundo a autora, como modo de reactualização do sofrimento relativo a perdas no passado, e aponta para o que descreve como o “prazer estético do sofrimento” ou “cultura do sofrimento”.

O discurso melodizado é ainda o modo expressivo de narrar as vidas de heróis yézidis (*kilamê ser mêranîê*, ou “palavras sobre heróis”)⁶. As vidas trágicas de homens mortos no exílio, de combatentes em conflitos históricos, ou vidas de sacrifício tidas como exemplares, são narradas em modo de “canto épico” recorrendo ao discurso melodizado. Lamentos fúnebres destas figuras consideradas exemplares para a comunidade autonomizam-se da sua função ritual inicial e configuram-se como reportório próprio, alcançando popularidade também através de gravação. O sucesso na construção de uma memória histórica e identitária ao redor destas figuras reflecte-se também no modo como actualmente estes *kilamê ser* circulam em formatos áudio mp3 e vídeo comerciais. Ao seleccionar figuras exemplares, a narração da vida destes “heróis épicos” parece configurar um modo de veiculação de um *ethos* particular da comunidade.

Genericamente, a tristeza encontra-se ancorada numa relação particular com a *separação* e em diferentes modos de representação do *exílio* presentes nos discursos de sofrimento no seio da comunidade. A separação causada por circuitos de migração (historicamente a Rússia e a Alemanha constituem locais de migração da comunidade depois da queda da URSS), pela morte, ou pela saída das jovens de casa aquando do casamento, constituem momentos de semelhante conteúdo emocional e são transversalmente referenciados pelos yézidis como *exílio*⁷ (p. 148). Esta “polissemia do exílio” (p. 172), que a autora sintoniza com outros estudos de diferentes regiões dos Balcãs, insere-se numa “cultura do exílio e da ausência” (*idem*) ancorada em narrativas históricas, místicas e religiosas da teleologia da comunidade, e é encarada como “uma dor

⁵ Confirmar capítulo V “Chanter la joie, dire la peine”.

⁶ Confirmar capítulo IV “Commémorer les héros”.

⁷ Confirmar terceira parte do livro.

existencial” (*idem*). Como modo de expressão desta nostalgia da ausência, os *kilamê ser* adquirem um papel central enquanto modo de expressão e empatia (*idem*) pelo sofrimento, na reatualização da dor, e na regulação do *ethos* desta comunidade. Performados sobretudo por parte das mulheres, às quais se juntam, no contexto ritual dos funerais, grupos de profissionais masculinos, os *kilamê ser* circunscrevem um “universo suspenso” emocional, ao qual se pode aceder e do qual se pode sair, e um “espaço de empatia” (entre o enunciador, o *kilamê ser*, e a audiência) (pp. 112-113).

Despojado de um discurso teórico sufocante, este livro toca áreas de reflexão distintas da etnomusicologia e da antropologia, como a *voz*, as *emoções*, o *ritual*, entre outras. Levanta ainda a curiosidade do leitor no que respeita uma reflexão mais aprofundada e em cruzamento com outros estudos sobre problemáticas como o género, a migração, a memória, ou a ética, problemáticas que a autora tem vindo a explorar noutras publicações académicas e para as quais nos remete ao longo do texto.

A abrangência de temáticas que emergem do estudo desta prática expressiva faz com que o volume seja um importante veículo de acesso à comunidade estudada e ao Yezidismo enquanto religião. A sua abordagem inscreve-se numa longa tradição de análise comparativa do género *lamento* e dos seus modos de expressividade vocal em diferentes contextos culturais e geográficos. O nível pormenorizado com que esta prática expressiva é tratada pela autora do ponto de vista musicológico, linguístico, semântico e mesmo de corporalidade⁸, constitui também um importante contributo para os estudos das práticas rituais.

Centralmente construído em torno de uma prática expressiva que emerge ao redor de estados emocionais particulares de tristeza ou sofrimento, o trabalho de Estelle Amy de la Bretèque enquadra-se num dos paradigmas vigentes na antropologia ao assumir a centralidade do estudo do discurso sobre as emoções e dos discursos emocionais como práticas sociais localizadas e contextuais (Lutz and Abu-Lughod 1990). A obra realça particularmente a importância do estudo das *emoções* e dos *affectos* para a compreensão de redes mais latas de existência e mundos de significação.

O resumo em inglês que encontramos no final do livro revela-se extremamente útil para os não leitores de francês. O detalhe deste resumo deixa qualquer leitor dentro da temática e com as principais noções que se encontram trabalhadas ao longo do texto integral.

⁸ Confirmar segunda parte do livro.

BIBLIOGRAFÍA

Lutz, Catherine e Lila Abu-Lughod (eds.) 1990. *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.

Feld, Steven e Aaron A. Fox. 1994. "Music and Language". *Annual Review of Anthropology* 23: 25-53.

Cita recomendada

Losa, Leonor. 2014. Reseña del libro *Paroles mélodisées: Récits épiques et lamentations chez lez Yézidis d'Arménie*. ·TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review 18. [Fecha de consulta: dd/mm/aa]



Esta obra está sujeta a la licencia de Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 4.0 España de Creative Commons. Puede copiarla, distribuirla y comunicarla públicamente siempre que cite su autor y la revista que lo publica (TRANS-Revista Transcultural de Música), agregando la dirección URL y/o un enlace a este sitio: www.sibetrans.com/trans. No la utilice para fines comerciales y no haga con ella obra derivada. La licencia completa se puede consultar en http://creativecommons.org/choose/?lang=es_ES